

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 17 de Março de 1901
Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno (Barcellos) 480, (Provincias) 600

THEATRO GIL VICENTE

Todos, com raras excepções, aneiam por ter na sua terra uma casa de distracção. O nosso theatro, aquelle de que nos quere-



mos occupar, tem sido um motivo de coragem para os seus emprezarios, os quaes arrostando com tantissimas difficuldades tem quasi vencido uma das maiores, o da construcção. Faltalhes vencer um, senão o mais importante pelo menos aquelle que os anima ao grande impulso — é o conseguir de alguns dos snrs. accionistas o pagamento das suas quotas em divida; hem o pede a ex.ma gerencia que manifesta desejos vehementes de ver concluida a obra que com tantas difficuldades tem erigido e, uma vez conseguido este justissimo desideratum, verão ca-

minhar com fervorosa vontade as obras tão custosas pela falta de meios com que sempre vem de lutar. A necessidade de terminar as obras do theatro é manifesta e impõe-se como impreterivel não só como aformoseamento da terra como pelas necessidades que lhe são inherentes.

*

O theatro tem sido desde remotas epochas o motivo de grandes estudos e o impulsor, portanto, de muin.os talentos, talentos que se tem manifestado em varias epochas da historia do theatro como astros fulgentissimos d'onde irradia uma gloria brilhante, uma intuição admiravel.

Descrever as transformações successivas, seria quasi impossivel em attenção ao pouco espaço de que dispõe o nosso modestissimo quinzenario; diremos apenas como Cicero disse da Historia, «é a escola da vida». O theatro é tambem uma escola, e escola onde se não criam espiritos enfézados, mas d'on.de irradiam tantas capacidades que são outros tantos soes illuminando o mundo.

E' alli onde se aprecia a esthetica adoravel das deliciosas feiticeiras, feiticeiras sim, porque enfeitçam pela sua plastica ideal, pelo gosto dos seus trujos que tantas vezes faz realçar a sua tez morena ou clara.

E' enfim, alli, on.le se passam tão appraziveis momentos de distracção, recreando os nossos sentidos, alli onde se esquecem por momentos tantos desgostos inherentes á vida humana.

*

Com coragem, pois, têm luctado os gerentes e emprezarios, para dentro em breve tempo nos proporcionarem os tão appetecidos momentos de prazer, distracção e estudo dos costumes que com tanta graça e verdade pintam os bons auctores.

Coragem e ávantell!

ABILIO D'AZEVEDO

O nosso amigo e companheiro morreu!

Ha, n'estas singelas palavras, um poema de saudade que tu nos legaste, oh! melancolico sonhador.

Retrahido, por habito, raras vezes davas expansão ás multiplas illusões que te povoavam o cerebro, onde a manifestação da tua intelligencia soube captivar a estima dos teus professores e a dedicação dos teus amigos.

Morreste?

Quando tudo n'este mundo se modifica e transforma até ás proporções do infinito, quando um grão d'areia pertenceu a uma montanha e uma gotta d'agua a um oceano, será crível poder suppôr-se que tu morresses?

Assim como os metaes se approximam e se transfundem, nas reacções mysteriosas da natureza, assim, em nossas almas, se chrystalisou, pela sympathia que nos merecias, a essencia do teu ser que saberemos guardar saudosos.

Intelligente e artista!

Lembras-te, por certo, que, trinando no teu bandolim, tinhas abstrações ignotas, sede d'amor, que sómente sentem as almas propensas ao bello, essas almas gêmeas da luz e do bem.

Quando um dia acaba, uma noite principia; é a ordem natural das coisas; e é por isso que a natureza nos ensina a crer na morte, não como termo final, mas como crise transitoria d'um estado para outro.

Abilio, nós, os teus companheiros, nunca te esqueceremos; e, se precisares, para descanso de tua alma, uma lagrima de sincera amizade, podes procural-a em nossos corações.

Adeus.

E, se, ao contacto da terra humida e lugubre, sentires estremecer-te o peito inerte, sirva-te de estremo consolo o pranto angustioso de teus paes, testemunho eloquente da sua enorme dôr.

Adeus, amigo e companheiro!

VELHARIAS

Barcellos no seculo passado

Ao enectarmos estes sarrabiscos, epigraphados semelhantemente aos artigos do sabio, distincto e illustrado collaborador da "Lagrima," sob a rubrica —*Archeologo*— a quem prestamos toda a nossa admiração e respeito pelo seu talento, que se assignala em todos os generos de litteratura, fallada ou escripta, séria e circumspccta, ou alegre e jocosa, quer na oratoria sagrada, de que mereceu justos applausos do grande orador Dr. Antonio Candido, quer nas buliçosas Cartas do valle de Tanel, publicadas n'um periodico d'esta villa, não temos a louca pretensão de, por vaidade ou ambição, querer empolgar o valor das chronicas do apreciavel Archeologo, mas tão sómente servirnos de Cyrineu á sua memoria, apontando alguns factos da passada vida barcellense, que ella, pelo amontoado de tantos, possa olvidar.

Feitos estos cumprimentos, á guisa de prologo, em homenagem á intelligencia do nosso Archeologo, diremos, como nos sermões, sem que seja preciso ouvir-se a tosse ou o aguçamento do pigarro dos ouvintes, aqui dos leitores

Principio

Não passam muitos mezes após a morte d'uma senhora, que em tempos idos viveu, n'esta villa, vida conjugal e feliz amenizando a negativa de prole com o goso de relativa abastança de haveres e economia correlativa.

O ditoso casal conhecido pela alcunha de *** (para que dizel-a, basta relatar o facto) tinha uma pêga, cujas traquinices eram sempre desculpadas com muitos affagos e ralhos infantis, porque o certo é que uns casados precisam ter alguém que seja o quociente da divisão dos seus affectos, o, á falta de filhos, ha um cão, um gatto, ou qualquer outro animalejo que recebe a quota parte das caricias que nos corações dos paes estão destinadas á sua descendencia.

Um dia, coisa naturalissima, o marido não se achou bom, e recolheu-se ao leito. A esposa com dedicada abnegação poz em serviço activo toda a medicina caseira, chás, paunos de vinagre, cataplasmas de cinza, etc. etc. nada faltou para curar o enfermo, mas a molestia não cedía e foi resolvido em familia chamar-se um *professor*, nome que ao tempo se dava aos medicos do hospital. Foi o doutor, receitou para a botica, e como alimento só aguas de gallinha ou frango. No dia seguinte voltou o medico. Informou-se se o doente havia tomado os remedios e aguas ás horas indicadas, ao que respondeu a carinhosa consorte.

—Tomou tudo o que V. S.^a mandou, menos as aguas de frango, porque estão muito caras, e para não fazer essa despeza matei uma pêga, que tínhamos, e dei-lhe caldinhos de pêga.

O homensinho não morreu e a pobre pêga pode avaliar quanto vale a amizade comparada com uns tristes vintons.

W.

Uma mala

Um caso mysterioso acaba de chegar ao nosso conhecimento.

Tendo sido furtada uma mala no hotel Vinagre ao empregado commercial, sr. Brito, muito conhecido em Barcellos, e a auctoridade tendo posto os pés a caminho da investigação, nada conseguira saber com respeito á descoberta do verdadeiro larapio ou larapios.

Nos pontos da conversação noctibó; no mercado diario e semanal; á lareira,—não se fallava n'outra coisa —e as mães que a terrível nova escutaram, aos filhos o peito apertaram.

Um mero acaso veio porém aclarar o mysterio.

LAGRIMA

O auctor da descoberta

E' o novel commerciante Manoel Coutinho. Veja-se como elle relata—em carta que encontramos no principio da rua Direita—o achado da mala.

«Eu hontem 12 e 30 da noute quando passava com outro da rua Barjoça de Freitas, para a rua da Palha achei uma mala junto á casa do Portas pelo lado de traz e como estava só com um cão perdigueiro mandei o cão por vezes embora mas elle fazia-me festas e não hia mandei o meu companheiro pessoa de confiança que dorme sempre na minha casa, ao café Matos chamar alguém e fiquei a ter conta nela até que vieram dois homens e leveia para o café chamei Antonio Araujo e abrimos a encontrando-a fechada e tem meias, caixas de papelão e muitos carros de criança que calculo tudo 20 a 25:00 rs. e como o cão me não deixou mais prendio e uma saia junta que parece cunhada do cão porque não largou a saia nem a mala. São duas horas da madrugada.

Coutinho»

O cão

E' um perdigueiro.

Andava descalço e parece que tinha fome, pois a custo dava uma passada.

Na Administração

Chamado á administração não se lhe consegiu uma palavra acerca do auctor ou auctores do furto. O Antonio Araujo deu-lhe dous bôlos, puchados de traz da orelha e nem um pio. Suppoz se porisso que o animal estava cónivente com quem quer que fosse auctor do furto.

A acareação

Sendo o cão acareado com a mala, deu provas de grande indifferença.

Notas varias

Examinaram-se dutidamente as pégadas do bicho e estas vinham na direcção do norte para sul até ao local do apparecimento da mala. A certa altura porém desaparecem as pegadas sumidas n'um dos andaimes da rua Bispo de Himeria. E' de crér que até dado ponto o cão veio pelo ar.

Uma das cosas que impressionou os agentes da auctoridade foi o saberem que o cão é vadio. E tinha de ser mandado para a Africa se o sr. João Velloso o não admittisse na sua matilha.

Um caçador de Barcellos a conversar com um amigo:

Sabes? fui hontem aos coelhos, sabes? para ensinar uns galgos novos, sabes?, filhos d'aquella galga amarella e rabo preto, sabes?

Fartei-me de rir, ó menino, sabes? appareceu um coelho, os cães dão em cima d'elle, sabes? *beo beo* e os galgos, coitadinhos, como éra a primeira vez, sabes? andavam como tolos, sabes? por fim tomaram gosto á brincadeira, sabes? e não te digo nada, menino, sabes? o coelho metten-se n'uma toca e os galgos atraz d'elle entram tambem pela toca dentro, sabes? O diabo foi para elles sairem, sabes? Esperei, esperei; e como não vinham, sabes? lembrei-me d'uma cousa, sabes? motti o furão na toca para ensinar o caminho aos galgos, sabes? e d'ahi a bocado appareceram todos, sabes? trazendo um d'elles o coelho na bocca, sabes? isso é que elles são d'uma raça, sabes?.....

A caminho da estação ia a Victorina, no seu requebrado saracoteio, quando de repente cahiu, mas de tal modo que o proprio *Victorino* ficou de bocca aberta.

Assim nos dizem os que presenciaram toda a scena.

Prevenção

Prevenimos o respeitavel publico que está imminente um granlissimo duelo linguo-braçal entre dois bellos rapazes da nossa terra. Questões auroraceas e ciuanceas que vão trazer muito que contar. Não sei se os leitores se lembram de, no carnaval, apparecerem dois ché-chés, um vestido assim a muitos da distribuidor do correio e ella de... de ella. Pois aquillo simulava assim a modas, o sr. João do Correio e a sua mais que tudo. Como já passou o carnaval podemos dizer que o ché-ché macho era o Secundino Monteiro, ella, ella... era um elle vestido de femca.

Eseusado é dizer que o tal Monteiro se deliciou em metter ferro ao seu rival (João do Correio)! O certo é que o caso surtiu effeito.

Amigo João, vendo os seus direitos ultrajados ainda que *in mente* barafustou e prometeu fuzillar o tal *amigo* que tão descaradamente se apresentava a parodial-o em uma victoria que lhe custara a alcançar.

Chegou o momento de treguas, treguas sem appelação, louvado Deus. Ché-chés foram descobertos e iam ser desfeitos pelo implacavel odio do João, se a isso se não oppozesse a sua proverbial sizudez e bonhomia. Foi melhor assim; a coisa não passou de promettimentos e arremettidas que d'um momento para o outro podiam rebentar em tenebrosa carnificina.

Alerta, policia secreta

Rapazes da fina flor, ide hoje ao branco de Monsão, a 50 réis o quartilho, que se vende no hotel Cardoso.

A pedido:

Anhelos

Foco brilhante que em horas f'lices
A noite das minhas amarguras
Aclaráste, muda em bello ceu,
O horisonte d'estas desventuras.

Argenteo vaso de que bebi
O alivio que tive á minha dôr,
Das-me vida, da-me o linitivo
Que me deu outr'ora o teu amor.

Brilhante estrella, pomba innocente,
Anjo de ventura e sonnos bellos,
Os suspiros d'esta alma gemente

Escuta; da s'p'rança aos seus anhelos
E vel-a-has amando eternamente
A loira trança de teus cabellos.

Porto, 6-3-901.

Poemasil

Um punhado de mentiras

Ha cinco annos, na epoca balnear, jogava-se
a bom jogar na praia d'Apulia.

Dizia um dos pontos:

—«Retiro uma libra.»

O olheiro, com voz severa:

—«Perdão o snr. não tinha apontado nada.»

O outro, sem se alterar:

—«Ah!... então retiro o que disse.»

*

Estava certa occasião no adro do Senhor da
Cruz, á espera da missa das 11, certo magote
de rapazes, entre os quaes se via o Caniçada e
o Lamego, um com o calçado rôto, apparecen-
do-lhe dois dedos dos pés, e outro com o casa-
co tambem rôto nos cotovellos.

Diz aquelle a este:

—«De que se está rindo o teu sapato?»

—«Dos teus cotovellos.»

Foram immensas as gargalhadas. O Serra
Macaca, testemunha ocular, até caiu de canga-
lhas a rir.

*

O nosso Ferreira, quando esteve em Lisboa,
escreveu esta carta:

«Meu pae:

Hei de estimar que estas duas regras o vão
encontrar de perfeita saude, pois a minha, gra-
ças a Deus, é boa ao mandar fazer esta.

Dou-lhe parte que tenho visto tudo. Tenho
mettido o nariz em toda a parte; mas do que
mais me admirei foi das rodas dos trens; por-
que no aterro da Boa Vista puz-me a ver um
caleche que tinha duas rodas muito pequenas á

frente e atraz outras duas, mas muito grandes;
pois saiba o pae que as grandes nunca foram
capazes de passar adiante das pequenas!!!

Ainda hoje penso em semelhante phenomeno!!!
Deite-me sua benção.»

*

As testemunhas que sabem escrever rubri-
cam os depoimentos. No tempo que aqui foi
juiz o dr. Furtado d'Antas, um escrivão disse a
uma testemunha chamada Francisco que rubri-
casse. A testemunha disse-lhe que não sabia o
que isso era. O escrivão explicou-lhe que era
escrever metade do nome. Quando foi ver co-
mo a testemunha fez a rubrica, viu quatro ve-
zes a palavra *cisco*, pois tantas eram as folhas
do depoimento.

*

N'outro dia a Micas Granja, que está sempre
a brincar com todo o mundo, disse-nos:

—«Eu fiz dez exames.»

—«Gaspité!»

—«... É' verdade. Dez exames de conscien-
cia, porque effectivamente já me confessei dez
vezes.»

*

Uma creada do Joaquim Martins, na ausen-
cia d'este, foi mostrar o piano que aquelle ca-
valheiro possue, e, pondo os dedos no teclado,
soaram as notas correspondentes.

Ella que não esperava por aquillo, exclamou:
—«Ah! Eu não sabia que sabia.»

*

O rev. snr. padre Villas perguntava a um
menino quantos sacramentos havia:

—«Não ha nenhuns, pois ainla ha pouco eu
fui com o sr. D. Prior levar os ultimos a uma
mulher da rua Nova de S. Bento.»

*

Diz o Trinta que de todos os *costumes*, em
operetas, aquelle de que mais gosta, é o de
saia curta.

*

O Adolpho Cidron ia saindo de casa, quando
solteiro, e vae uma creada e pergunta-lhe o que
elle quer para o jantar.

O Cidron que só attendia n'aquelle iustante
ás dôres que lhe affligiam os pés, pelo aperto do
calçado, disse:

—«Ah! sapatos; ah! sapatos!»

A criada ouviu e cumpriu...

Quando o nosso amigo deu ingresso na sala
de jantar encontrou só patos assados, o que
deveras espantou e o obrigou a ralhar. A cria-
da acudiu:

—«Quando o snr. sahii perguntei-lhe o que
desejava para jantar e foi esta a resposta: *Assa
patos, assa patos.*»